

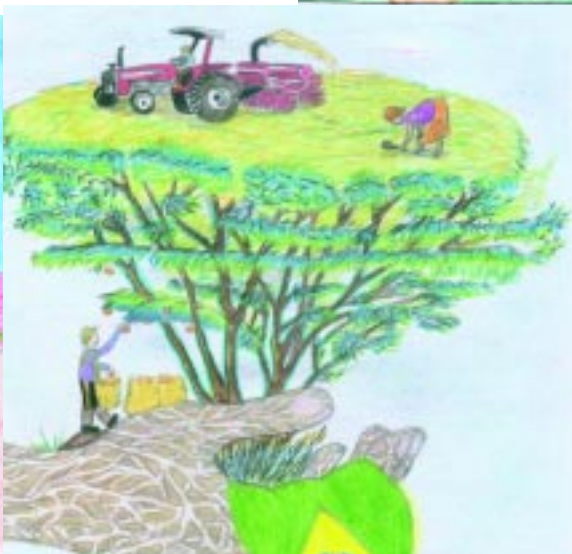


2006: Renovação e Esperança



O fruto do nosso trabalho faz o mundo andar, comer, vestir, beber, morar, trabalhar, viajar, iluminar, realizar, sonhar...

O agronegócio sustenta a esperança de tempos melhores.



Desenhos vencedores do concurso de encerramento do Programa Educacional "Agronegócio na Escola" - 2005

Agronegócio na Escola:

O Programa Educacional "Agronegócio na Escola" fechou o ano de 2005 com um saldo de 17.200 alunos atendidos e cerca de mil professores envolvidos, pertencentes a 91 escolas de 44 cidades da região. As fotos que emolduram esta matéria são dos alunos vencedores dos Concursos de Desenhos e Frases que marcaram o encerramento do programa. Neste ano foram realizadas 276 visitas a empresas do agronegócio associadas à ABAG/RP. Milhares de quilômetros percorridos em busca do conhecimento. Os números ficam ainda mais expressivos se comparados ao início do programa, em 2001, quando 956 alunos da Diretoria de Ensino de Jaboticabal participaram do projeto piloto. De lá para cá mais 5 DEs foram incorporadas: Sertãozinho, Franca, São Joaquim da Barra, Ribeirão Preto e Araquara.

Cada ano traz novas experiências, novos aprendizados, mais ajustes, maior integração. Com o crescimento do Programa a principal preocupação tem sido ampliar a proximidade entre a ABAG/RP, as Diretorias de Ensino e as escolas. Por isso, diferentemente dos anos anteriores, o Encontro de Professores, realizado sempre ao final do ano letivo, foi regionalizado para que as experiências individuais fossem compartilhadas, dúvidas fossem sanadas e sugestões apresentadas.

Cada escola, de cada uma das diretorias, expôs a forma como trabalhou o Programa durante o ano, e assim, foi possível perceber que, apesar de estar em seu 5º ano consecutivo, sempre existem experiências novas sendo aplicadas, maneiras novas de entender o agronegócio, de contextualizá-lo na educação, mas principalmente existe sempre um novo olhar, cheio de esperança ao final de cada ano.

Para expor os trabalhos os professores usaram os recursos que dispu-



Encontro de professores mar

nam: power point, cartolina, retroprojetor, poesia, música, performance de alunos, painéis, bordados e vídeos.

Um vídeo gravado na E.E. "Elyσιο de Castro", de Taquaral, cidade de 3 mil habitantes, mostrou depoimentos de professores e alunos ao final de um ano de trabalho. Para os professores o Programa ajudou a ampliar os horizontes dos alunos. Já implantado há quatro anos na escola, retrata resultados concretos: nunca tantos alunos da cidade prestaram vestibular. Normalmente eles terminavam o ensino médio com muito esforço, mas sem nenhuma esperança. Hoje sonham com profissões que possam inseri-los na própria região.

Nas apresentações de todas as Diretorias de Ensino uma trilha musical foi constante a música "Cio da Terra", de Milton Nascimento. Mas em Sertãozinho os alunos da E.E. "Anna Passamonte Balardim" inovaram, sob orientação do professor de matemática, Rodrigo Domingos Dias, acrescentaram novos versos à canção de 1977, dando a ela os contornos modernos que fazem do agronegócio o maior negócio do Brasil. Os próprios alunos cantaram a letra original e declamaram os versos enxertados.

O CIO DA PRODUÇÃO

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão

Trigo que veio da Ásia
E mata a fome do mundão
Movimenta a indústria traz empregos,
E faz o pão

Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel

Cana verde, que poderia ser dourada
É o ouro de nossa terra, riqueza de nossa
Terra, trator, indústria, trabalhador
Todos se enriquecem e fazem louvor
Açúcar, álcool, eletricidade, biomassa e
Esta é sua produção
Alegria tamanha que só se encontra na
Que veio do chão

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão

Terra que não por acaso é feminina,
Pois precisa ser bem tratada e muito amada
Pois assim ela é fecundada e produz a



esperança e renovação



...o encerramento do Programa Educacional "Agronegócio na Escola"

DUÇÃO

divisas para o país

essa região

e até diamante

doçura do mel,

mada,
vida

Esse novo olhar para a mais antiga atividade do país revelou para os alunos um futuro de inserção, de modernidade e oportunidades. Em todas as apresentações das escolas o item profissão foi um dos mais citados. Em cada visita que fizeram às empresas: usinas, cooperativas, indústrias de máquinas, fazendas e indústrias alimentícias, os alunos viram possibilidades de trabalho e relataram seus sonhos aos professores. Rompendo muitas vezes um ciclo de vida onde pais e avós foram trabalhadores braçais, eles descobriram, já no primeiro ano do ensino médio, que podem mais, que querem mais. Descobriram o que a região tem para oferecer.

A diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, desde o início do Programa Educacional "Agronegócio na Escola", sempre deixou claro que o objetivo desta iniciativa nunca foi formar mão-de-obra, mas revelar o que está tão perto e tão longe ao mesmo tempo. Mostrar que somente com educação é possível sonhar mais alto, querer mais, realizar mais e encontrar a felicidade.

Outra "descoberta" que chamou a atenção dos alunos foi no âmbito da responsabilidade social nas empresas. A atenção com os empregados, com as comunidades onde elas estão inseridas e com o meio ambiente. A imagem que tinham era de total indiferença dos empresários em relação a estes temas, mas indo às empresas, conhecendo os trabalhos, eles puderam comprovar o quanto cada uma

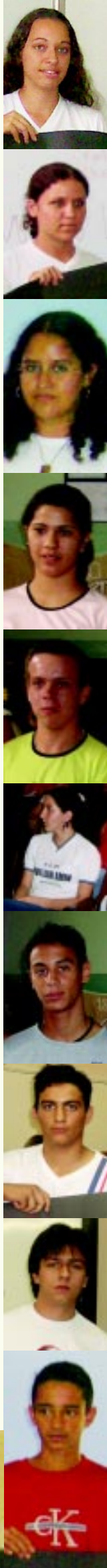
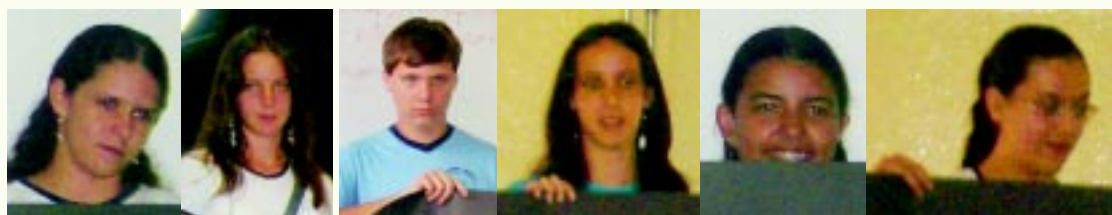
destas empresas é importante para a comunidade, o quanto estimulam e incentivam seus funcionários e como elas preservam o meio ambiente. Aliás, o tema ambiental é um dos mais abordados em sala de aula. Durante as visitas os estudantes viram como a tecnologia é usada em prol da natureza, seja para diminuir a emissão de gases, tratar efluentes, fazer o controle biológico nas pragas das plantações, o desenvolvimento de variedades resistentes, até o ato de preservar e recompor matas ciliares e outras áreas de preservação permanente.

Quanto menor a cidade maior o envolvimento de professores e alunos com o Programa. Não que nas cidades maiores da região o agronegócio seja menos importante, mas nas pequenas, os alunos, em sua maioria, são oriundos da área rural e se descobrem fazendo parte de um setor competitivo internacionalmente e que é muito, muito maior do que a cerca das propriedades e os limites de suas cidades.

Para o ano que vem serão incorporadas novas Diretorias de Ensino da região, agregando novas cidades da área de atuação da ABAG/RP. O crescimento, continua sendo paulatino, para assegurar qualidade ao Programa.

A expectativa é que em 2006 cerca de 20.000 alunos estejam descobrindo os mistérios do "Cio da Produção".

É um ciclo que se completa e se renova, como o cio da terra.



Agronegócio é a ancora de Nuporanga

O nome em Tupi-Guarani, Nhu-Poran, descreve bem esta cidade com 811 metros de altitude: Campos Belos. Estância climática, com uma temperatura média de 23°C, a cidade parece um cartão postal caracterizando a típica cidade do interior de São Paulo. A primeira impressão é de encantamento.

Arborizada, limpa e organizada, já mostra nas placas de sinalização de suas largas ruas o perfil da economia local: "Proibido Estacionar Caminhões e Máquinas Agrícolas". O cenário se completa com muitos moradores usando botas de trabalho e chapéus de lona. Uma vocação da cidade desde sua fundação, em 1861. Nuporanga já foi terra de café, algodão, soja e hoje, cana-de-açúcar.

Com 6.300 moradores, é a 24ª em arrecadação de ICMS no Estado. A cana-de-açúcar responde por cerca de 20%. Mas é o abatedouro de aves local que garante boa parte da arrecadação de ICMS, mais de 30%. Também é importante na geração de empregos. Dos 1300 funcionários, 500 são da cidade. Além disso, o sistema integrado de pecuária garante empregos em 168 granjas da região, sendo 27 no município, além das propriedades que produzem milho. O prefeito, Aristides Góes, o Tidinho, produtor rural, conhece bem esses números e se entristece quando a população não entende a importância do agronegócio local, "(...) é o agronegócio que garante uma renda per capita de R\$ 604,00. Não há do que reclamar. É preciso saber usar bem o dinheiro dos impostos e fazer a cidade melhorar." afirma. Asfalto, rede



Foto: divulgação Prefeitura

A praça central é um dos cartões postais da cidade

de esgoto, água encanada, coleta de lixo, são 100% em Nuporanga, mas a atual administração está insatisfeita com a saúde e com a educação no município. Apesar de configurar entre as primeiras do Estado em arrecadação, é uma das últimas no quesito educação, e esta é a prioridade para os próximos anos. Nuporanga era uma cidade de velhos e crianças e os estudantes jovens moravam fora. Hoje um convênio da prefeitura com algumas universidades da região garante desconto nas mensalidades e transporte para as viagens diárias na expectativa de que a mão-de-obra mais especializada permaneça na cidade.

Uma história que todo nuporanguense gosta de contar é a de seu pri-



meiro intendente (prefeito), Joaquim de Mello Marques. Em 1892, o ex-aluno do Colégio Naval do Rio de Janeiro, capitão-tenente Mello Marques, pediu reforma e foi morar em Batatais, onde montou um escritório de agrimensura. Em 1899 foi nomeado intendente de Nuporanga e lá desenvolveu o submarino brasileiro, com autorização do ministro da Marinha. O experimento foi notí-

cia no "The Washington Post", em 1901. Em uma época em que a palavra submarino era um sonho distante e nem se cogitava o "radio control", o protótipo brasileiro foi uma inovação. O modelo de metal media 78 cm de comprimento e a propulsão era fornecida por um motor elétrico, instalado num compartimento separado, do mesmo modo em que hoje, decorridos mais de cem anos, são construídos os modelos operacionais de submarino, rádio-controlados, encontrados nos Estados Unidos, Europa e Japão.

O modelo só não foi desenvolvido por falta de verba do governo. Para os especialistas a inventividade de Mello Alves pode ser comparada às de Santos Dumont e Leonardo Da Vinci. O modelo original pode ser visto no Museu Naval e Oceanográfico do Rio de Janeiro, onde se encontra em exposição permanente, em uma vitrine instalada no primeiro andar.

O orgulho é tanto que no brasão da cidade os ramos de café, principal cultura desenvolvida na cidade durante sua fundação, divide espaço com uma âncora de prata, mas é a âncora verde que faz a riqueza da cidade.